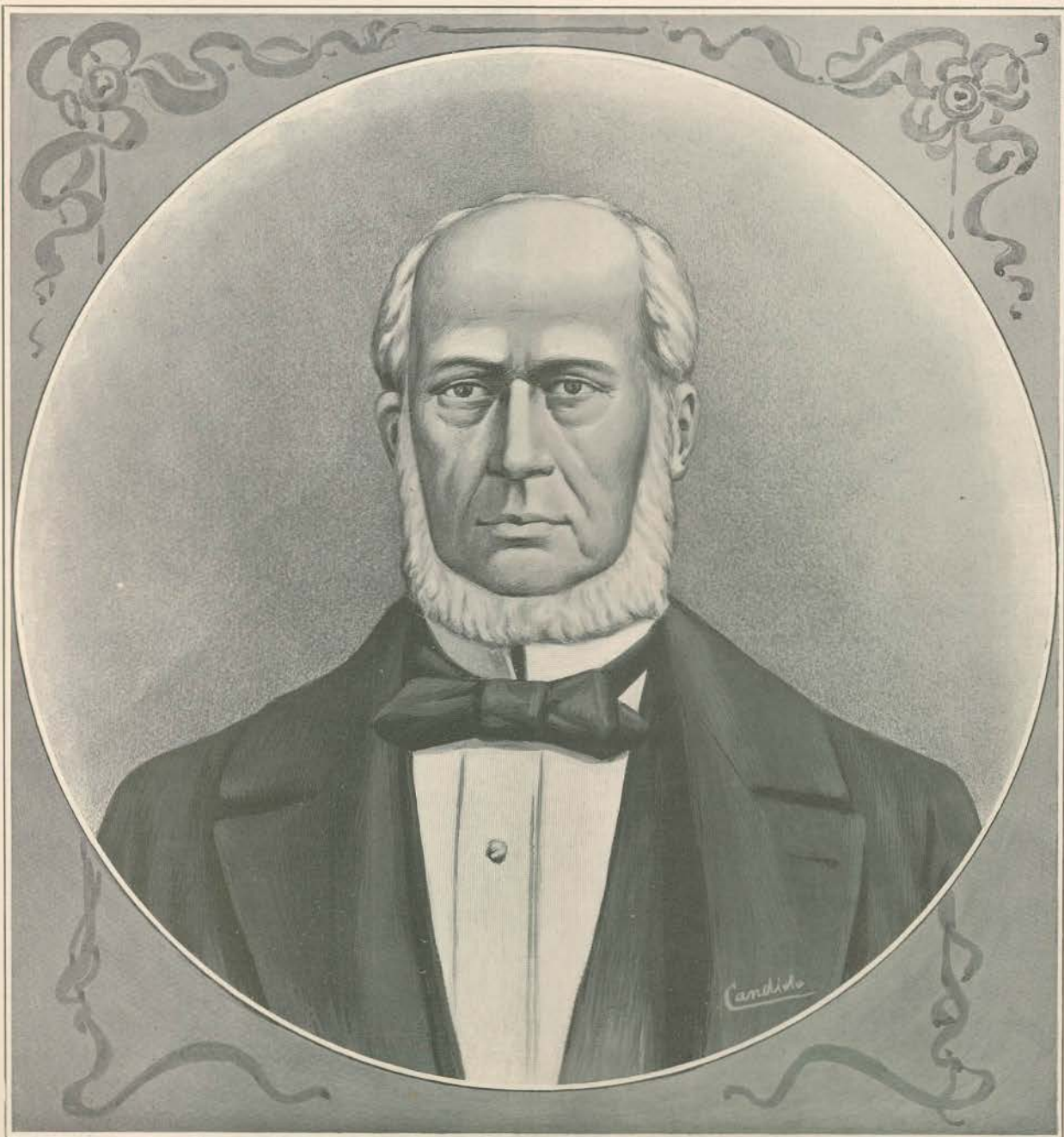
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43—*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 8 DE FEVEREIRO DE 1904* | *NUMERO 14*

O ALMIRANTE FRANCISCO MIANUEL BARROSO DA SILVA

O almirante Barroso nasceu em Lisboa a 29 de setembro de 1804 e sahiu d'esta cidade sendo ainda muito novo. No Brazil cursou as aulas de marinha, sendo nomeado aspirante em 1821, guarda-marinha em 1822, em 1827 foi promovido a 2.º tenente, em 1829 a 1.º tenente, a capitão-tenente em 1836, a capitão de mar e guerra em 1852 e a chefe de esquadra em 1867. Em 11 de junho de 1865, sendo chefe de divisão em Buenos Ayres a bordo do paquete *Amazonas*, encarregou-se do bloqueio de Paraguay e ganhou a batalha de Riachuelo, victoria decisiva para as armas brazileiras e que deu ao almirante a justa reputação de marinheiro esforçado e de cabo de guerra valoroso. Coberto de gloria e tendo recebido o titulo de barão do Amazonas, o almirante Barroso morreu em Montevideu a 8 de agosto de 1882.

CHRONICA

Homens do mar

Ainda não ha muitos dias, além, no Chiado, o mundo official assistiu á cerimonia da descoberta da lapide na casa onde nasceu o almirante Barroso, ahi pelo anno de 1804, n'um tempo em que se cerrava mais a mais a treva do destino de Portugal como n'um nevoeiro de luto após a aurora boreal da obra pombalina.

Mais uma vez se fez justiça, uma grande, clara e aberta justiça, e mais uma vez se affirmou a ligação dos dois povos, dando-se a tranquilla alegria ás consciencias e um magno subsidio para a historia das duas nações irmãs.

Barroso foi um heroe que no meio da metralhada, impavido a glorificar-se á sombra da bandeira brazileira, se tornou digno da terra que lhe fôra berço e d'aquella que escolhera para servir!

Em Riachuelo mais um nome se affirmou, mais um feito nasceu para engrinaldar o brazão de tantos outros feitos, mais uma batalha toda de grandeza e de triumpho se assignalou para honra do nome portuguez e para gloria da historia do Brazil!

Morreu velhinho, o almirante, morreu entre os seus, respeitado e querido, no culto dos proprios inimigos, dos vencidos, recordando talvez na hora extrema a abordagem homerica em que o sangue jorrou e em que uma bandeira cahiu ferida pela metralha emquanto a outra—a d'esse paiz que elle amou e serviu—se ostentava triumphal nos ares ao som das salvas n'uma gloriosa manhã.

Foi pois bem justa essa homenagem, essa consagração ao neto dos navegadores, ao legitimo descendente dos leões do mar, dos valorosos e arrojados descobridores!

Ali ficou na pedra branca um nome e uma data, um fasto a mais e um consolo enorme para corações portuguezes e brazileiros!

*

E n'esse mesmo dia em que no Chiado se consagrava a memoria do almirante, esteve na nossa redacção um velho corpulento, espadaudo, tostado pelas soalheiras, um typo herculeo da maruja, figura de romance epico feita para uma aureola e para uma armadura.

Era o arraes Gabriel Ançã, um marinheiro ao qual já vae faltando a vista para as lides, um bravo a cujos braços fortes mais de cento e vinte pessoas deveram a salvação.

O ARRAES GABRIEL ANÇÃ

Conta actualmente 65 annos, é o completo typo do homem do mar, alliando a uma coragem sem limites uma modestia sem egual. E' condecorado com as medalhas de salvação d'ouro e prata e com a de valor, concedida pelo governo francez em paga do arrojo de que deu provas o ousado velho por occasião do naufragio do vapor *Nathalie*.

A casa n.º 17 da rua Garrett em Lisboa, onde nasceu no anno de 1804 o heroe de Riachuelo, almirante Francisco Manuel Barroso da Silva, barão do Amazonas.

Diante d'elle, commovidos e admirados, olhando essa legenda viva, sentimos que a sua obra enorme, humanitaria e arrojada merecia tambem uma consagração.

Elle cumpriu a sua tarefa, sem um carinho e sem uma gloria, n'uma lucta a braço com os vagalhões fortes, sob a tempestade e dominando as aguas revoltas, diante das companhas abysmadas por tanta audacia. Não serviu apenas a patria, serviu a humanidade, creou uma escola de heroismos, tornou-se como uma Providencia forte e rude, modesta e extranha, ao arrancar ás ondas as presas e fugindo aos agradecimentos. Brilham no seu largo peito tres medalhas, no seu coração aninha-se a bondade. E' um obscuro e um heroe, é um ignorado e uma epica figura!

Tem 65 annos e mal póde trabalhar, o pobre do arraes, do grande arraes, que nasceu em Ilhavo e lá tem vivido, humilde e isolado, ganhando hoje para comer ámanhã!

E' um homem do mar, é um grande homem do mar, o arraes Ançã!

A sua tarefa foi valorosa e feita em silencio, na vastidão do mar, a sós, luctando braço a braço para arrancar vidas ás ondas temerosas.

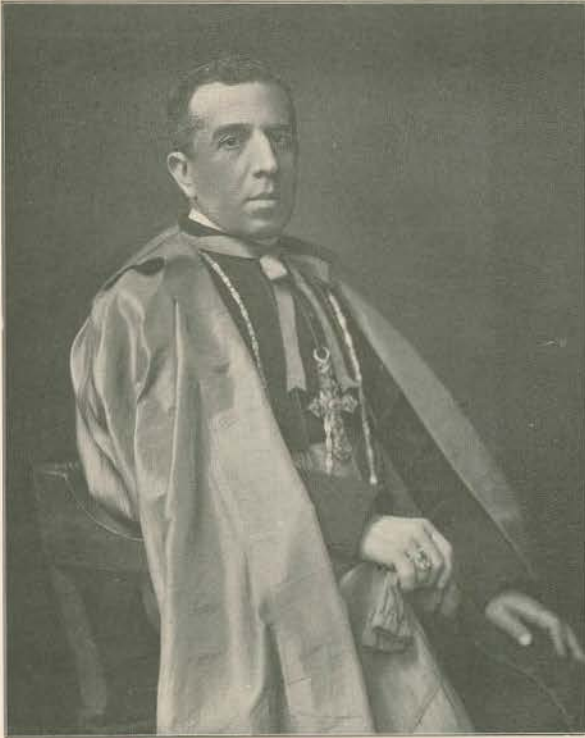
Pois o pobre do arraes de vista cançada e sem trabalho, com as medalhas ao peito e com a desgraça a minal-o, anda pedindo um pedaço de pão para comer além no seu canto, ouvindo o oceano e vivendo de recordações como o velhinho almirante do Brazil!

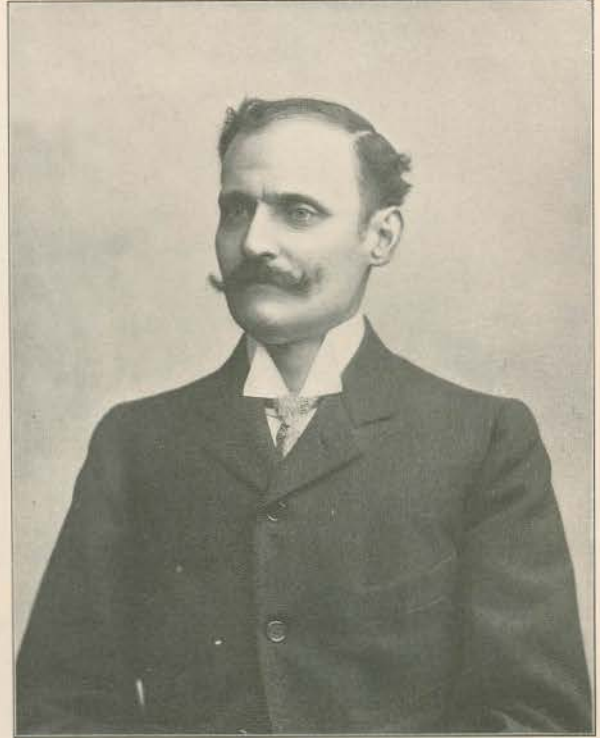
E' dominador e ao mesmo tempo simples esse arraes, é singelo e tocante o colosso que entre nós esteve, emquanto no Chiado se glorificava outro marinheiro como elle, épico, enorme e heroico!

Um já ha muito repousa em paz, o outro estende a mão a pedir sustento!

Assim ao abandono, o homem do mar, o pobre arraes, vae julgar que o mundo é mais perfido do que a altaneira onda!...

Senhores: se reparasseis um pouco n'elle?!

Rocha Martins.

O NOVO NUNCIO DE SS. MONSENHOR JOSÉ MACCHI

O novo nuncio de SS. em Lisboa nasceu em Palestrina, em 1845, e começou a sua carreira diplomatica por internuncio apostolico no Brazil, passando depois para a nunciatura de Munich e d'alli para Lisboa. Foi bispo titular de Gandara e arcebispo titular de Amasêa, sendo ultimamente nomeado arcebispo de Thessalonica.

O CONSUL DO BRAZIL SR. DR. MANUEL DA SILVA PONTES

Foi consul privativo em Marselha, depois em Londres e em 1891, promovido a consul geral, serviu de novo em Marselha, indo ao cabo de tempo para Buenos Ayres, d'onde partiu em 1901 para Lisboa a exercer o mesmo cargo.

OS OFFICIAES DO «BENJAMIM CONSTANT», NAVIO ESCOLA DA MARINHA BRAZILEIRA

1 — 2.º tenente Celestino de S. João. = 2 — 1.º tenente João Hust Pinto Guedes. = 3 — 1.º tenente Luiz Cyrillo Pinto. = 4 — O sr. Alencastro Graça, commandante do *Benjamim Constant*. = 5 — Capitão tenente Amynthas José Jorge, immediato do *Benjamim Constant*. = 6 — 1.º tenente Pedro Manot Sarraz. = 7 — 1.º tenente José A. Graça. = 8 — 2.º tenente Arthur Duarte. = 9 — 2.º tenente Alberto Lima Barros. = 10 — 1.º tenente Alfredo Teixeira. = 11 — Dr. Aurelio Veiga, medico naval. = 12 — 2.º tenente Manuel Gama. = 13 — 2.º tenente Tacito Rego. = 14 — 1.º tenente Carlos Pereira Guimarães. = 15 — 2.º tenente José do Couto Aguierre. = 16 — Dr. Luiz Augusto Pinto, medico naval. = 17 — 1.º tenente Ignacio Joaquim Ribeiro. = 18 — 2.º tenente Nicanaz Justino Proença. = 19 — 2.º tenente João d'Azevedo Milanez. = 20 — 1.º tenente Carlos Frederico Noronha. = 21 — 2.º tenente Joaquim Carvalho. = 22 — 1.º tenente Carlos A. dos Reis. = 23 — 2.º tenente Alfredo Dodowarth. = 24 — 2.º tenente Marcolino de Souza.

UM ASPECTO DO BAILE REALISADO EM 3 DE FEVEREIRO, NO PALACIO FOZ, RESIDENCIA DO SR. PAGE BRYAN, MINISTRO DOS ESTADOS UNIDOS E PARA O QUAL FOI CONVIDADA A OFFICIALIDADE DO «BENJAMIM CONSTANT»

OS OFFICIAES QUE ASSISTIRAM, NO HOTEL BORGES, AO BANQUETE COMMEMORATIVO DO COMBATE DE MARRAQUENE

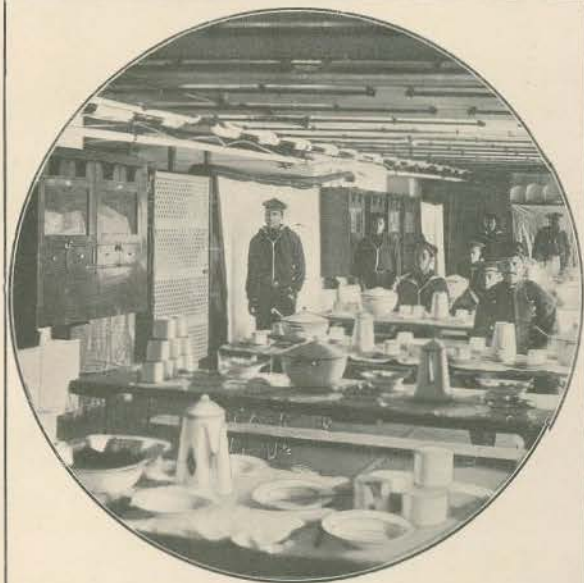
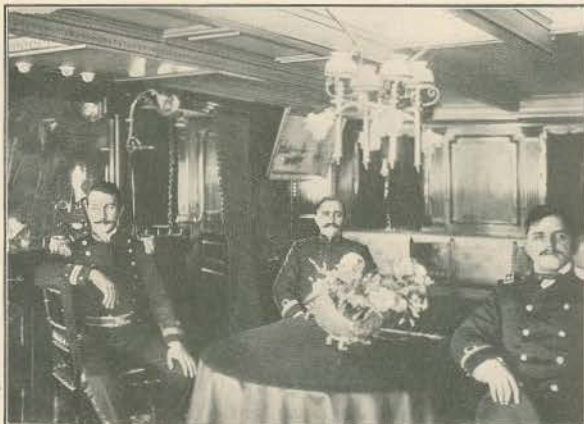
1, Capitão Braklamy—2, Capitão França—3, Coronel Ribeiro—4, Capitão Rocha—5, Capitão Dias—6, Capitão Varella—7, Capitão Pires—8, Major Cabral—9, Major Ghira—10, Capellão Valente—11, Major Carvalho.

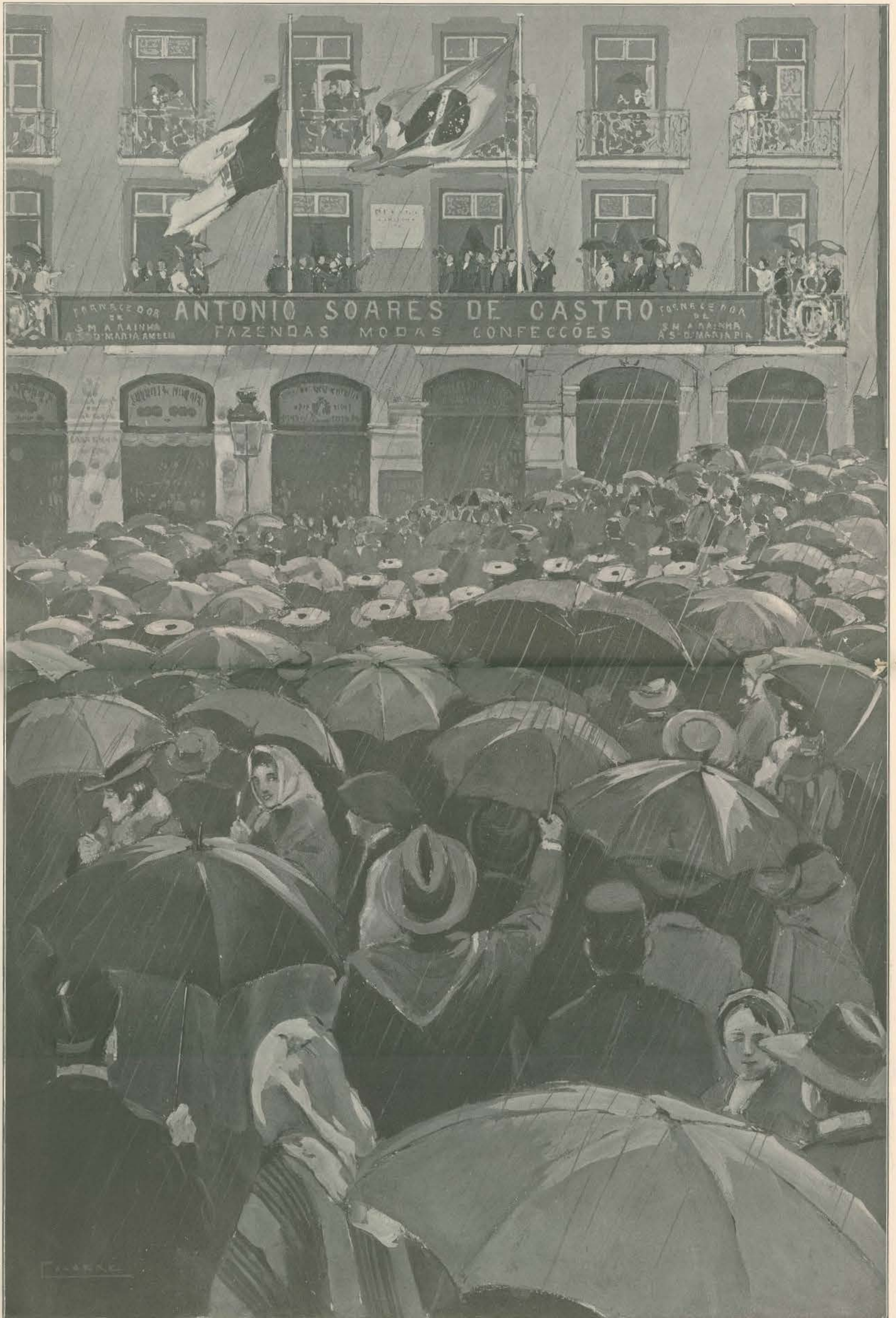
O JANTAR OFFERECIDO PELO SR. DR. ALBERTO FIALHO, MINISTRO DO BRAZIL, AOS OFFICIAES DO «BENJAMIM CONSTANT», EM 1 DE FEVEREIRO

Na residencia do sr. ministro do Brazil, na travessa da Condessa do Rio, realisou-se um banquete em honra da officialidade do *Benjamim Constant* e ao qual assistiram, além do commandante d'aquelle navio, os seguintes srs.: conselheiro Wenceslau de Lima, Raphael Gorjão, conde de Paço d'Arcos, vice-almirante Capello, contra-almirante Moraes e Sousa, conselheiro Ferreira do Amaral, contra-almirante Augusto Castilho, Augusto M. Osorio, 1.º tenente Casqueiro, official ás ordens do commandante do *Benjamim Constant*, e os officiaes brazileiros srs. Luiz Galvão, Marcolino Sousa e Lima Barros, consul e consuleza do Brazil, etc.

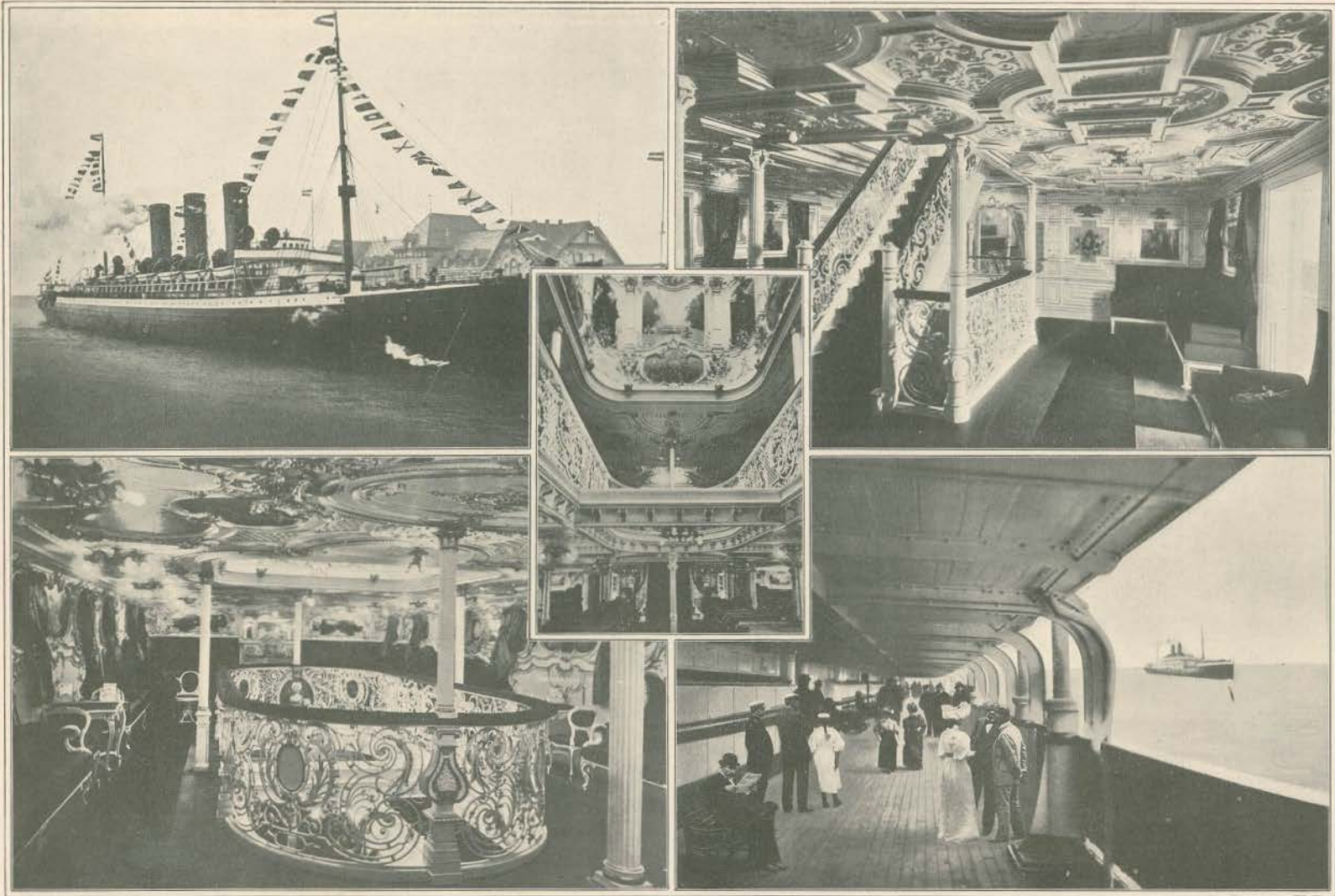
UM GRUPO DE OFFICIAES INFERIORES

UM GRUPO DE MARINHEIROS E SOLDADOS DE INFANTARIA DE MARINHA

A tripulação do *Benjamin Constant*, navio-escola da marinha brazileira que entrou no Tejo a 23 de janeiro, com o fim de agradecer a visita do cruzador *D. Carlos*, ao Rio de Janeiro, pela eleição do presidente da Republica sr. dr. Rodrigues Alves.

A BORDO DO «BENJAMIM CONSTANT», NAVIO ESCOLA DA MARINHA BRAZILEIRA

A CAMARA DO COMMANDANTE COM O OFFICIAL PORTUGUEZ ÁS ORDENS DO SR. AALENCASTRO GRAÇA E OS OFFICIAES DE SERVIÇO AO NAVIO — O REFEITORIO DOS MARUJOS — UMA MANOBRA—O COMMANDANTE DO «BENJAMIM CONSTANT», CAPITÃO DE MAR E GUERRA SR. AFFONSO D'ALENCASTRO GRAÇA—ANTES DAS SALVAS

A CERIMONIA DA INAUGURAÇÃO DA LAPIDE NO PREDIO ONDE NASCEU O ALMIRANTE BARROSO, NA RUA GARRETT, 17

Em 20 de janeiro realisou-se esta ceremonia, diante de numeroso concurso de povo, com a assistencia do governo, dos officiaes do *Benjamin Constant* e d'uma força de marinheiros que desembarcara do mesmo navio com a respectiva banda. A lapide estava coberta pelas bandeiras brazileira e portugueza, tomando o sr. ministro do Brasil os cordões da bandeira portugueza e o sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco presidente da Camara Municipal de Lisboa, os da bandeira brazileira, sendo então descoberta a lapide. A cerimonia terminou na Camara Municipal, onde os principaes assistentes assignaram um auto.

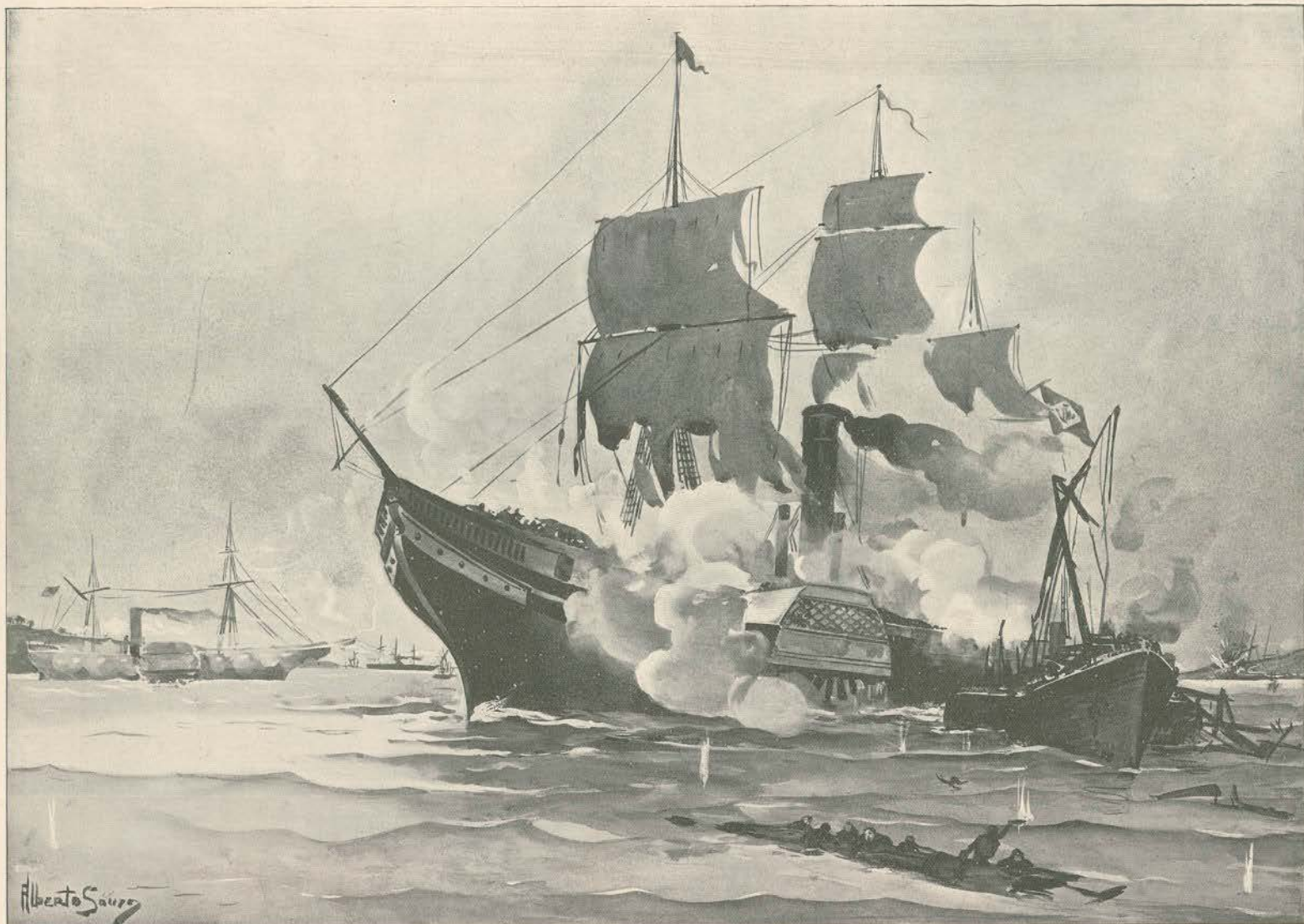
A commissão que levou a cabo esta homenagem era composta pelos srs.: conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco, dr. Pedroso de Lima, dr. Pina Callado, Marcos Vieira da Silva, Augusto de Castilho, Barão de Marajó, Bartholomeu de Menezes, etc.

AS INSTALLAÇÕES DO PAQUETE ALLEMÃO «KAISERIN MARIA THERESIA», A BORDO DO QUAL VIERAM A LISBOA SS. AA. RR. OS PRINCIPES DE SAXE MEININGEN

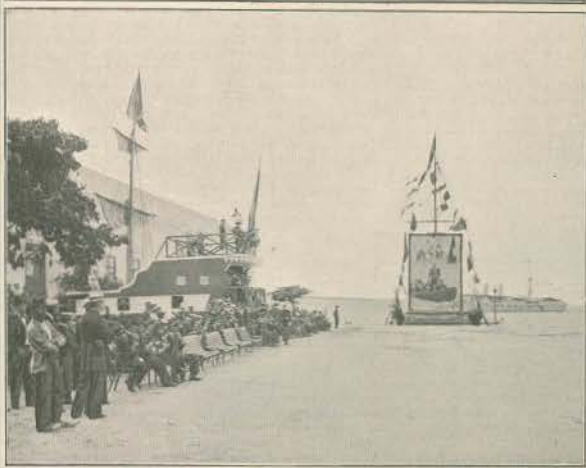
O PAQUETE—ANTE-SALA—CASA DE JANTAR—SALA DAS SENHORAS—A COBERTA DA 1.ª CAMARA

O *Maria Theresia* desloca 8:278 toneladas e tem duas machinas da força de 20:000 cavallos-vapor que desenvolvem 22 nos. E' um dos barcos mais luxuosos do mundo e pertence á casa Norddeutscher Lloyd. E' esta a sua primeira viagem de recreio, na qual percorrerá 4:429 milhas maritimas e tocará nos seguintes portos: Funchal, Santa Cruz, Las Palmas, Tanger, Gibraltar, Malaga, Argel, Tunis, Palermo, Genova onde desembarcarão alguns passageiros, terminando a viagem. Começará em Genova a segunda excursão recebendo novos passageiros e sahindo d'este porto em 26 de fevereiro para visitar Bastia, Ajaccio, Napoles, Palermo, Malta, Alexandria, Cairo, Jaffa, Jerusalem, Jericho, Jordão, Charfa, Nazareth Beyrouth, Damasco, Rhodes, Smyrna, indo a Constantinopla, Athenas, Brindisi e terminando a viagem em Veneza, após 37 dias.

A VIAGEM DO «KAISERIN MARIA THERESIA» QUE TROUXE A SEU BORDO SS. AA. RR. OS PRINCIPES DE SAXE MEININGEN

SS. AA. RR. Á ENTRADA DO PAÇO DE CINTRA ACOMPANHADOS PELOS BARÕES DE GEMINGEN GUTTENBERG SEUS CAMARISTAS E PELA CONDESSA DE CROTA

S. A. R. o principe Bernardo Frederico Alberto Jorge, herdeiro de Jorge II, nasceu em Meiningen em 1 de abril de 1851. E' doutor em philosophia pela Universidade de Breslau e general de infantaria, commandante do 6.º corpo d'exercito. Casou em Berlim a 18 de fevereiro de 1878 com a princeza Izabel Carlota, irmã do imperador Guilherme, e que nasceu em Potsdam a 24 de julho de 1860. Teem uma filha, a princeza Fedora, nascida em Potsdam em maio de 1879 a qual casou em 1898 com o principe de Reuss-Henrique XXX.

A BATALHA DO RIACHUELO

Esta batalha memoravel teve logar a 10 e 11 de junho de 1865, proximo de Riachuelo, um pouco abaixo de Corrientes, onde o inimigo occupava, alem do rio, os barrocaes das margens. As forças navaes paraguayanas eram compostas pelos navios *Belmonte, Marquez d'Olinda* e *Salto* e pelo vapor *Paraguay*. O almirante Barroso, depois de ter avançado contra os barcos, fez um certeiro fogo para terra, travando-se um tiroteio terrivel que só terminou ao pôr do sol. Em 11 de junho veiu um reforço paraguayano e então a esquadra brazileira preparou-se para a abordagem. O inimigo formou em linha de batalha sob a protecção das baterias de terra. Mas em breve o *Paraguay* era mettido a pique e dava-se a celebre abordagem, que marcou uma das paginas mais brilhantes da historia brazileira.

A MISSÃO DOS OFFICIAES BRAZILEIROS QUE VEIU AGRADECER A VISITA DO CRUZADOR «D. CARLOS» AO RIO DE JANEIRO

2.º tenente Marcolino Alves de Sousa —1.º tenente Pinto Galvão— 2.º tenente Alberto de Lima Barros. —A parada dos guardas-marinha na Escola Naval do Rio de Janeiro.— A entrada da Escola Naval do Rio de Janeiro (na Ilha das Enxadas) —A festa annual em 11 de junho na Escola Nava do Rio de Janeiro, em commemoração da batalha de Riachuelo— O pavilhão onde o presidente da republilica assiste á festa.

A PROPOSITO DA HOMENAGEM AO ALMIRANTE BARROSO

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

A viagem memoravel de Noé ha de sempre ter para mim d'aqui em deante uma especie de interesse pessoal.

Se houve jámais uma raça opprimida, é esta que vemos agrilhoada em torno de nós sob a tyrannia do imperio ottomano. Eu quizera que a Europa permittisse á Russia anniquilar a Turquia um pouco—não muito, mas o sufficiente para ser difficil encontrar de novo o seu logar sem uma varinha de condão ou uma campainha de feiticeiro. Os syrios são pobrissimos, e, comtudo, estão onerados por um systema tributario que enfureceria qualquer outra nação. No anno passado os seus impostos foram na verdade bastante pesados — mas este anno augmentaram-nos com outros que ha annos, em tempos de fome, lhes foram perdoados. Por cima d'isto veiu ainda o governo lançar uma *decima* em todos os productos da terra. Isto, porém, é só medade do caso. O pachá de um pachalikado não se incommoda a nomear os recebedores. Calcula em quanto todos esses impostos podem montar n'um certo e determinado districto. Põe depois em leilão a sua importancia. Convoca os homens ricos, o que cobriu o lanço fica com o encargo da cobrança, que paga alli mesmo ao pachá, e passa-o depois á petinga miúda, que por seu turno a passa a uma horda pirata de petinga ainda mais miúda. Esta obriga o camponez a trazer ao povoado, á propria custa, a sua insignificante porção de grão, que tem de ser pesado, separando-se as diversas contribuições, e revertendo o resto para o possuidor. O recebedor vae deixando de um dia para outro o cumprimento d'esse dever, ao passo que a familia do agricultor morre de fome; por fim, o desgraçado, que bem percebe a manobra, diz: — Tomae um quarto — tomae a metade — tomae dois terços, se assim o quereis, e deixae-me ir embora. — Não ha maior opprobrio!

Este povo é naturalmente bondoso e intelligente, e com educação e liberdade seria contente e feliz. Muitas vezes appella para o extrangeiro, para saber se o mundo não virá algum dia soccorre-lo e salva-lo. O sultão tem andado a gastar dinheiro como agua em Londres e Paris, e quem agora paga tudo isso são os seus subditos.

Esta moda de acampar dá cabo de mim. Temos agora descalçadores e uma tina para tomar banho, e, todavia, não estão desvendados todos os mysterios das bagagens que trazem os machos. Que mais haverá?

XII

Costumes patriarchaes — A magnifica Balbec — Descripção das ruinas — Garatujas de Smiths e quejandos — Fidelidade do peregrino á letra da lei — A fonte venerada da barra de Balaão.

Fizemos uma enfadonha jornada de cinco horas ao sol atravez do valle do Libano, que não é tão completamente um jardim, como nos pareceu das encostas dos montes. Um deserto, em que ha herva e muita pedra do tamanho do punho de um homem. Aqui e ali os indigenas tinham cavado a terra, e colhido algum grão rachitico, mas pela sua maior parte o valle pertencia a meia duzia de pastores, cujos rebanhos faziam da sua parte o melhor que podiam para viver, mas tudo era contra elles. Vimos grossas rumas de pedras collocadas a espaços ao lado da estrada, e reconhecemos o costume de marcar extremas, seguido no tempo de Jacob. Não havia muros, nem vallas nem sebes — nada para assegurar a posse, senão estes montes de pedras ao acaso. Consideravam-nos os israelitas sagrados nos velhos tempos patriarchaes, e estes outros arabes, seus descendentes em linha recta, procedem da mesma fórma. Um americano, de vulgar intelligencia, em breve alargaria a sua propriedade, com o emprego de simples trabalho manual, feito de noite, sob um regimen tão livre de circumvallar como este.

Os arados de que esta gente se serve são apenas paus aguçados, como os que usava Abrahão, e ainda elles limpam o trigo, como elle fazia — põem-no em monte no alto da casa, e depois arremessam-no ao ar com pás até que o vento tenha levado toda a palha miúda. Nunca inventam cousa nenhuma, nunca apprendem nada.

Tivemos uma bella corrida de uma milha com um arabe empoleirado n'um camello. Alguns cavallos andaram bem, mas o camello passava-lhes adeante sem grande esforço. Os gritos, as exclamações, as chicotadas e o galopar de todos os cavalleiros tornaram a corrida hilariante, excitante e particularmente tumultuosa.

A's onze horas avistámos os muros e columnas de Balbec, nobre ruina, cuja historia é um livro sellado Está ali, ha milhares de annos, servindo de enlevo e admiração dos viajantes: mas quem a edificou, ou quando foi edificada, eis o que ninguem sabe. Uma cousa, porém, é certissima. Grandeza de plano, graça de execução, como se vêem em Balbec, não foram egualadas nem sequer rastreadas em qualquer obra construida por mãos de homens nos ultimos vinte seculos.

O grande templo do Sol, o templo de Jupiter, e muitos templos mais pequenos estão amontoados no meio de uma d'essas miseraveis aldeias da Syria, e causam uma impressão muito extranha em tão plebeia companhia. São esses templos construidos sobre substructuras massiças, que podiam supportar quasi uma montanha; os materiaes empregados são pedras inteiras do tamanho de um omnibus; — muito poucas, se algumas ha, são mais pequenas que o estojo da ferramenta de um carpinteiro — e por essas substructuras correm tunneis de alvenaria, pelos quaes podia passar uma enfiada de carros. Com alicerces como esses não é para admirar que tanto tempo tenha durado Balbec. O templo do Sol tem approximadamente trezentos pés de comprido e cento e sessenta de largo. Teve em roda cincoenta e quatro columnas, mas actualmente apenas seis estão de pé — as outras estão tombadas junto da sua base, formando um confuso e pittoresco montão. As seis columnas são perfeitas, como tambem as suas bases, capiteis corinthios e entablamento — e mais seis columnas no mesmo estado não existem. As columnas com o entablamento medem noventa pés de altura — elevação prodigiosa, na verdade, para fustes de pedra attingirem — e, todavia, a gente só pensa na sua belleza e symetria, quando olha para ellas; os pilares parecem delgados e delicados, e o entablamento com os lavores da sua esculptura assemelha-se a obra rica de estuque. Mas, quando tendes estado a admirar para o alto até a vista se cançar, e a baixaes depois para os grandes pedaços de columnas que vos rodeiam, então reconheceis que teem oitenta pés de espessura; e com elles jazem bellos capiteis apparentemente tão grandes como um casal; e tambem algumas lapides, soberbamente esculpidas, que teem quatro ou cinco pés de grossura, e cobririam de todo o tecto de uma sala ordinaria. Pasmaes cogitando d'onde seria que vieram essas monstruosidades, e leva algum tempo para vos inteirardes de que a aerea e graciosa fabrica que campeia sobre a vossa cabeça é feita das suas companheiras. Parece um grande absurdo.

O templo de Jupiter é uma ruina mais pequena do que aquella a que acabo de me referir, e, todavia, é im-

menso. Está em razoavel estado de conservação. Um renque de nove columnas está quasi indemne. Tem sessenta e cinco pés de altura, e sustenta uma especie de portico ou tecto, que as liga com o do edificio. Este portico coberto é composto de tremendos cepos de pedra, tão bellamente esculpidos pela parte posterior que, vistos de baixo, parecem um fresco. Uma ou duas d'essas pedras cahiram, e outra vez me causou assombro que os montes gigantescos de pedra esculpida que jaziam em torno de mim não fossem maiores que os que estavam por sobre a minha cabeça. No interior do templo a ornamentação era bem trabalhada e colossal. Que maravilhosa belleza e grandeza architectonica deve ter sido este edificio quando era novo! E que nobre painel elle e o seu majestoso companheiro, com o cahos dos formidaveis fragmentos disseminados em volta de si, ainda fazem ao luar!

Não posso conceber como esses immensos blocos de pedra se puderam extrahir das pedreiras, ou como foram erguidos ás vertiginosas alturas que teem nos templos. E, todavia, esses pedregulhos esculpidos são uma ninharia, quanto á dimensão, comparados com as pedras enormes, toscamente lavradas, que formam a larga varanda ou platafórma que cérca o templo grande. Uma secção d'essa platafórma, de duzentos pés de comprimento, é composta de lages tão grandes como um carro de bagagens, e algumas d'ellas maiores. Passam acima de um muro de dez ou doze pés. Eu julgava que essas pedras eram grandes, mas veem a ser uma insignificancia em comparação com as que formavam outra secção da plataforma. Havia tres, e, a meu vêr, cada uma d'ellas tinha pouco mais ou menos a mesma extensão que tres carros de bagagens postos em linha, embora tenham mais um terço de largura e outro de altura do que um carro de bagagem. Talvez que dois wagons de mercadorias, do maior padrão, unidos pelas extremidades, representem melhor a sua dimensão. Em comprimento combinado essas tres pedras medem approximadamente duzentos pés; teem treze pés quadrados; duas d'ellas teem sessenta e quatro pés de comprido, cada uma, e a terceira sessenta e nove. De dentro do muro massiço sobem uns vinte pés acima do sólo. Lá estão, e é um problema como tal succedeu. Todos esses grandes muros são tão perfeitos e bem proporcionados como as cousas triviaes que se construem de tijolo nos nossos dias. Ha muitos seculos que uma raça de deuses ou de gigantes deve ter habitado Balbec.

Fomos vêr a pedreira d'onde se tiraram as pedras de Balbec. Era a um quarto de milha de distancia, por uma encosta abaixo. Em um grande fosso jazia a companheira da pedra maior que ha nas ruinas. Ali ficou, quando os gigantes d'esse antigo tempo olvidado a deixaram, por terem sido de lá chamados — exactamente como elles a deixaram, para permanecer durante milhares de annos, eloquente exprobação aos que são inclinados a pensar ligeiramente dos homens que viveram antes d'elles. E ali jaz essa pedra enorme, esquadriada e prompta para ir para as mãos do architecto — solido formidavel de quatorze pés por dezesete, apenas poucas pollegadas menos do que setenta pés de comprimento! Na sua superficie cabiam dois *tilburies* em frente um do outro, e ainda ficava espaço sufficiente para um homem ou dois andarem de cada lado.

Quem jurasse que todos os Joões Smiths e Jorges Wilkinsons, e todos os outros infimos ninguens entre o Grande Lago Salgado e Balbec escreveriam os seus miseros nomesinhos sobre os muros das magnificas ruinas de Balbec, com o additamento da cidade, condado e estado d'onde são provenientes — acertaria infallivelmente. Pena é que uma grande ruina não caia sobre alguns d'esses reptis, e livre para sempre a sua especie de jámais entregar o seu nome á fama sobre quaesquer muros ou monumentos.

Com as ruins azemulas que montavamos, a jornada para Damasco devia bem durar tres dias, mas era necessario que a fizessemos em menos de dois. Porque os nossos tres peregrinos não queriam jornadear no dia do descanço dominical. Todos nós tinhamos a melhor vontade de guardar o dia do descanço; ha, porém, occasiões em que cumprir a *letra* d'uma lei sagrada, cujo espirito é justo, se converte em peccado, e esse é exactamente o caso de que se trata. Pleiteámos pelos cavallos cançados e mal tratados, adduzindo em favor d'elles que o seu fiel serviço merecia a bondade como recompensa, e a sua triste sorte compaixão. Mas quando foi que a inteireza conheceu o sentimento da piedade? Que valiam algumas longas horas addicionadas ás durezas que padeciam uns animaes sobrecarregados, postos na balança em opposição ao perigo d'essas almas humanas? Não era lá muito boa companhia para viajar esperar obter com o exemplo dos seus devotos maior veneração para a religião. Dissemos que o Salvador, o qual lastimou os animaes irracionaes, e ensinou que o boi deve ser tirado do lodo até no dia de descanço, não teria aconselhado uma marcha forçada como esta. Dissemos que a «longa volta» era exhaustiva e, portanto, perigosa nos ardentes calores do estio, ainda quando eram os periodos dos dias ordinarios, e, se persistissemos n'esta dura marcha, poderiamos, em consequencia d'ella, ficar prostrados pelas febres do paiz. Nada poude mover os peregrinos. *Deviam* aviar-se. Os homens podiam morrer, os cavallos podiam morrer, mas elles tinham de penetrar na Terra Santa na proxima semana, sem a nodoa de terem faltado ao preceito do descanço dominical. D'este modo queriam commetter um peccado contra o espirito da lei religiosa para poderem respeitar a letra d'ella. Não valia a penna dizer-lhes «a letra mata?» Estou falando agora de amigos pessoaes; homens de quem gosto, homens que são bons cidadãos, que são respeitaveis, rectos, conscienciosos; mas cuja idéa da religião do Salvador me parece alterada. Supprem incessantemente as nossas omissões, e todas as noites nos reunimos e nos lêem capitulos do Novo Testamento, que estão cheios de bondade, de caridade e de misericordia; e todos então no dia seguinte saltam para os seus sellins e vão até o cume d'essas montanhas escabrosas e descem por ellas abaixo. Applicar a bondade, a caridade e a misericordia do Evangelho a um cavallo de jornada, cançado e fatigado, é disparate. Essas cousas são para as humanas creaturas de Deus, e não para animaes. O «que os peregrinos preferem fazer, relativamente á sua natureza quasi sagrada, requer que passe adeante — mas eu gostaria egualmente de surprehender qualquer outro membro do grupo conduzindo outra vez o seu «cavallo por um d'esses fatigantes montes acima!

Aos peregrinos demos bastantes exemplos que podiam

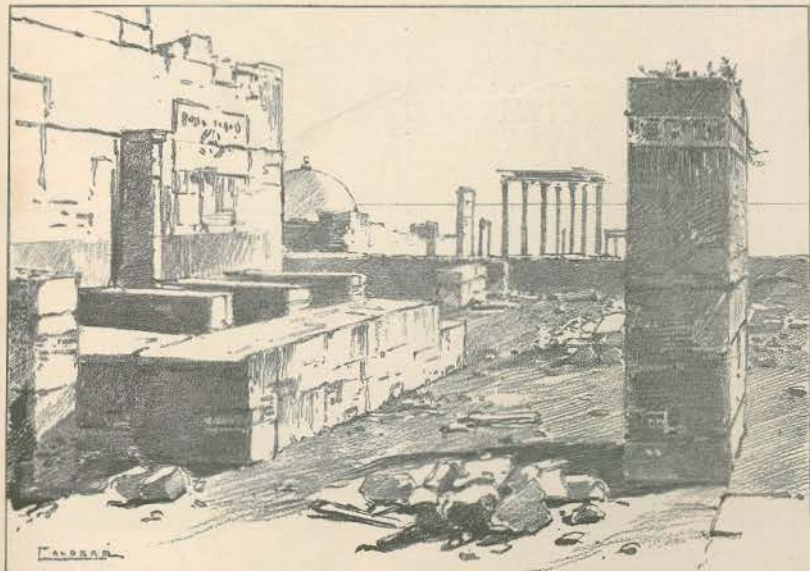
ser-lhes proveitosos, mas é tempo perdido. Nunca dos nossos labios ouviram uma palavra mal soante para qualquer de elles — mas teem questionado uma ou duas vezes. Praz-nos ouvi-los então, depois de nos estarem instruindo com leituras. Pois logo a primeira cousa que fizeram, ao desembarcarem em Beirouth, foi questionar no escaler. Disse que gostava d'elles e gosto, mas sempre que me fazem ouvir um trecho, penso em falar d'isso na imprensa.

Não contentes de passarem as legitimas paragens e deixarem a estrada real, foram por fóra d'ella para visitar uma absurda fonte chamada Figia, onde bebeu outr'ora a burra de Balaão. Por maneira que fomos andando atravez dos terriveis montes e desertos, debaixo de um sol abrazador, em busca do poço venerado da jumenta de Balaão, a santa padroeira de todos os peregrinos como nós. No meu livro de notas encontro as seguintes linhas:

«A cavallo hoje, ao todo, treze horas, em parte atravez de desertos, e em parte por feios montes estereis, e ultimamente em sitios asperos e penhascosos, tendo acampado proximo das onze horas da noite nas margens de um rio limpido, perto de uma aldeia da Syria. Não lhe sei o nome — não quero sabe-lo — preciso de me deitar. Dois cavallos mancos (o meu e o de João) e os outros estropiados. João e eu fizemos a pé tres ou quatro milhas, por sobre montes, e levámos os cavallos á mão. Brincadeira — que não é pesada.»

Doze ou treze horas sobre o sellim, ainda em terra e clima christãos, e n'um bom cavallo, é jornada fatigante, mas n'um forno como a Syria, no esfarrapado sellim, que escorrega de pópa á próa e de bombordo a estibordo, e de todos os modos, sobre um cavallo que está cançado e cóxo, e precisa de ser açoutado e esporeado, quasi sem interrupção de um momento, durante todo o dia, até ter sangue nas ilhargas, e, sempre que daes de esporas, a vossa consciencia a accusar-vos, se sois metade de um homem — é jornada para ficar memoravel na amargura do espirito, e execrada com vehemencia durante boa parte da vida de um homem.

FOLHETIM N.º 13

(Continúa.)

Por lapso de revisão do traductor, no folhetim 12, pag. 207, linha 52 sahiu ali a palavra ingleza *Bucksheesh*, em vez da sua versão* propria — *esportula*. Uma esportula permittiu-nos a entrada — é como deve lêr-se.

UM EXERCICIO DE GUARDAS-MARINHA NA ESCOLA NAVAL DO RIO DE JANEIRO (ILHA DAS ENXADAS)

CHRONICA ELEGANTE

Approxima-se o carnaval, a epocha tradicional das folias e folguedos de toda a especie, mas que nas classes superiores, aristocraticas e elegantes, vae de anno para anno perdendo toda a sua antiga feição.

Hoje, por motivos ponderaveis e de ordem essencialmente pratica, as mascaradas *chics* reduzem-se a grupos mais ou menos numerosos que compõem uns trajes *soi disant* de mascara, feitos á pressa, com o unico intuito de *disfarçar*, e que assim percorrem as casas conhecidas onde se recebe. O *travesti* rico e apurado é actualmente privilegio quasi exclusivo das creanças, que apparecem deliciosas e encantadoras; mas, n'outros tempos, havia bailes *costumés* a valer, em que se não dispensava a pessoa nenhuma o *travesti*. Existem ainda muitas pessoas que se recordam das aristocraticas e animadas festas carnavalescas dadas nos elegantes salões de D. Maria

FIGURA 1

Krus e em muitos outros de tão saudosa memoria.

O *travesti* não é banal; precisa ser escolhido com criterio e bom gosto, e executado com toda a grandeza, não prescidindo de nenhuma minuciosidade caracteristica. Aos portes elevados e magestosos conveem os trajes de *Juno*, *Minerva*, Norma, Romana, Imperio, com as longas roupas *drapées* á antiga, os finos corpetes á Medicis e Izabel d'Inglaterra, as *anquinhas*, os *paniers*, as grandes golas, e todas as complicações de vestuario que precisam amplo espaço para se ostentar. As deliciosas *mignonnes* ficam encantadoras com os trajes Watteau, os fatos de Russas, Napolitanas, Gitanas, Manolas, as fantasticas imitações de flôres e geralmente tudo quanto pede o fato curto, desastroso para as pessoas altas. Mas, como dissémos, o baile *costumé* passou á historia; quando muito fala-se n'algumas *soirées* ou *diners* de *têtes*; embora não tenham a mesma graciosidade que o *travesti* completo, as *têtes* prestam-se tambem a diversas fantasias interessantes e podem revelar accentuado cunho artistico, quando sejam bem adequadas ao physico e á physionomia, escolhendo-se para as acompanhar uma *toilette* moderna, que esteja em relativa harmonia.

FIGURA 2

Com uma *tête* penteada á edade média póde usar-se um vestido moderno mas de seda *brocart* ou lavrado, com rendas de Veneza, cinto dourado, pondo completamente de parte os tecidos ultra modernos, como *musseline* de seda, *chiffoon*, flôres etc.

FIG. 1 — Traje de recepção em seda escosseza; casaco com abas em *faille* verde escuro com bordados *découpés* em aberto.

FIG. 2 — *Costume travesti Chardon*. Em setim verde pallido com applicação de velludo verde de dois tons imitando folhas de cardo. Cardos roxos nos hombros, no penteado e nos sapatos.

FIG. 3 — Traje de *soirée* em tulle *pointillé* crême com fitilhos de velludo *vert russe*.

FIGURA 3

Os tripulantes da lancha *Coração de Maria* que salvaram os naufragos do vapor inglez *Cygnet*.
O vapor *Cygnet* soffreu uma avaria no sitio das *Portas*, em Buarcos, sendo salvos 9 dos seus tripulantes pelo barco *Coração de Maria* sob o commando do arraes Pedro Gomes Charana.

PEDRO GOMES CHARANA
O arraes do barco *Coração de Maria*